

500 anos

Cimi denunciará Governo brasileiro à OEA por violência contra índios

Bispos fazem carta perguntando se missa pelo Descobrimento deve ser rezada

Letícia Lins

Enviada especial

● SANTA CRUZ CABRÁLIA. A ação policial contra a marcha dos índios, no sábado, criou um novo conflito nos festejos dos 500 anos do Descobrimento, dessa vez entre a Igreja e o Estado. Ontem, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) anunciou que vai requerer à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, ligada à Organização dos Estados Americanos (OEA), uma sessão especial para denunciar crimes cometidos contra os índios nos seis anos de Governo Fernando Henrique. E informou ainda que acionará judicialmente o Governo federal e o da Bahia pelas violências no dia 22, em Santa Cruz Cabrália, a 800km de Salvador, quando 30 índios ficaram feridos.

Vice-presidente do Cimi denuncia emboscada

O vice-presidente do Cimi, Saulo Feitosa, acusou o Governo da Bahia de ter preparado uma emboscada para três mil índios que, confiando no Cimi, na Funai e na garantia dos Governos federal e da Bahia, foram às ruas acreditando que sua integridade física seria garantida.

Indignado, o presidente do Cimi, dom Franco Masserdotti, afirmou que não participará da missa de amanhã na reserva pataxó que marcará os 500 anos da Primeira Missa no Brasil. Disse que foi mantido em cárcere privado pela PM da Bahia no sábado, juntamente com 200 pessoas. Bispo de Balsas, no Maranhão, ele passou mais de quatro horas confinado com

seis missionários, e afirmou não ter condições psicológicas nem morais de participar da liturgia, que terá a presença de 300 bispos. Ele quer que seus colegas religiosos também reflitam sobre o assunto.

A missa será realizada num grande palco-altar que construído na Praia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália. Para dom Franco, o local foi cenário de duas violências. Primeiro, a destruição do monumento com o qual os pataxós pretendiam assinalar os 500 anos de ocupação branca no país. Segundo, os conflitos registrados no último sábado. O religioso chegou a guardar no bolso o cartucho de uma

bomba de gás lacrimogêneo.

Ontem, dom Franco e o presidente da Comissão Pastoral da Terra (CPT), dom Tomás Balduino — que também assistiu ao conflito — passaram a manhã reunidos, preparando-se para a reunião da CNBB. Os dois escreveram uma carta, na qual perguntam aos outros bispos se vale a pena realizar a missa num local em que houve tanto desrespeito aos direitos humanos. A carta já estava pronta e seria divulgada pelo Cimi em Santa Cruz Cabrália ontem. Mas como parte do conteúdo vazou, e uma rádio noticiou que a Missa do Descobrimento poderia não se realizar, resolveram só divulgá-la

hoje na reunião da CNBB.

Entre as denúncias à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, estará uma sobre a situação dos nanibicuras, de Sarapé, em Mato Grosso, que tiveram a reserva invadida por seis mil pessoas e estão tendo as terras devastadas por grileiros e madeireiros. Outra denúncia será relativa aos suicídios dos caiuás, do Mato Grosso do Sul. Cerca de mil índios vivem confinados numa reserva de apenas 70 hectares e estão se matando de desespero. Há, ainda, o caso dos povos macuxi, uapixaria, taurepang e pangari-có, cujas reservas estão demarcadas, mas não homologadas por pressões políticas. ■

Violência policial assusta católicos

Igreja teme que fiéis desistam de ir à missa em Porto Seguro

Paula Autran

Enviada especial

● PORTO SEGURO. O confronto na reserva de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, assustou católicos que planejavam estar no local amanhã para assistir ao culto em ação de graças que marcará os 500 anos da Primeira Missa rezada no país. Segundo o coordenador regional do Secretariado dos 500 anos de Evangelização do Brasil, padre Joelson Dias da Silva, as imagens da violência contra os índios no dia da visita do presidente Fernando Henrique Cardoso a Porto Seguro funcionaram como propaganda negativa e fizeram com que muitos desistissem de ir à cidade:

— Não tenho como dar números, pois muitos vêm por conta própria. Mas dois ônibus da caravana de Ilhéus cancelaram a viagem. E

recebi inúmeros telefonemas dos responsáveis pelos 150 ônibus cadastrados. Todos querem saber como estão as coisas — disse ele, que previa 200 mil pessoas na missa.

Segundo o padre, até religiosos ficaram temerosos, devido ao bloqueio da PM que impediu a passagem dos sem-terra acampados em Eunápolis. Dois padres e um bispo chegaram a ser detidos numa barreira da PM. O coordenador-geral do Secretariado dos 500 anos de Evangelização, padre Joel Portela Amado, também diz que a violência inibiu muitos fiéis.

— As imagens do lugar chocaram e vão influenciar a vinda das pessoas — afirmou.

A celebração contará com as presenças do secretário de Estado do Vaticano, cardeal Angelo Sodano, que chegou ontem ao Brasil, do vice-presidente, Marco Maciel, e do ministro de Esporte e Turismo, Rafael Greca.